

Morre mais um bebê no Ceará

29 DEZ 1996

Fortaleza - Subiu para 11 o número de bebês mortos este mês na Unidade de Neonatologia do Hospital Geral de Fortaleza (HGF). Segundo a direção do hospital, "o quadro é crítico porque falta desde espaço físico, médicos, equipamentos, pessoal de apoio, até medicamentos". Na madrugada de ontem morreu o décimo-primeiro bebê do mês, uma menina que nasceu com 2.150g e apresentava um problema respiratório. Os médicos que a atenderam iniciaram ontem uma pesquisa mais profunda para identificar a verdadeira causa da morte da criança, uma vez que os

seus pais são primos legítimos.

Antes de embarcar sexta-feira à noite para os Estados Unidos onde passará o reveillon com a família, o governador Tasso Jereissati deixou uma recomendação para que o secretário de Saúde, médico Anastácio Queiroz de Souza, adote todas as providências necessárias, no menor espaço de tempo possível, para minimizar os problemas da superlotação e das mortes de bebês no HGF. Jereissati deverá retornar ao Ceará no próximo dia 10 de janeiro.

Ontem, na Unidade de Neonatologia do HGF haviam seis bebês, embora sua

capacidade máxima seja de quatro. A área de médio risco também estava lotada. Atendendo recomendação do governador, o secretário fez a entrega de quatro oxímetros de pulso e de uma ambulância, para eventualidades neste final de semana. Paralelamente, Queiroz iniciou um processo para identificar as possíveis falhas na assistência aos recém-nascidos nas unidades da Rede Pública Estadual, começando pelo próprio HGF.

Amanhã, o secretário deverá encaminhar relatório para o governador nos EUA informando a evolução do quadro e das

providências já adotadas. Ele informou que "até o próximo dia 10, dez novos leitos estarão funcionando na Unidade de Neonatologia do HGF".

Para o diretor do HGF, médico Silvio Furtado, "o problema da falta de leitos nos hospitais públicos no Ceará e em qualquer outro Estado do país, só será resolvido depois que o Ministério da Saúde liberar o aumento na tabela do SUS". Enquanto isso não acontecer, segundo ele, os hospitais particulares não vão querer continuar fazendo as intervenções de responsabilidade do Estado.